

## HISTÓRIAS E SENSAÇÕES

Artigo publicado como:

Carvalho, José Oscar Fontanini de (1998). Histórias e Sensações. *Revista do Instituto de Informática da PUC-CAMPINAS*. Campinas, Instituto de Informática da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, v. 6, n. 1, janeiro/junho, p. 11-13. ISSN 0104-4869. Reprodução, neste site, autorizada por Behrens, Frank Herman - Editor Executivo da Revista.

Pediram-me para escrever alguma coisa sobre os 25 anos do Curso de Análise de Sistemas (CAS) da PUC-Campinas. Para escrever sobre este assunto a primeira coisa que me vem à mente é a palavra “história”.

O que eu sei da história do CAS?

Tudo começou com o meu envolvimento no curso como aluno. Quando a gente se envolve na história, já não fica mais sendo somente história. Vira história somada com sensações.

Vamos lá!

Como já disse, o meu envolvimento com o CAS se deu, como seu aluno, em 1976. A maioria dos meus colegas não sabia o que era um analista de sistemas. Muitos deles pensavam que iriam aprender a montar computadores (hardware), como se faz hoje, com os kits de micro computadores. Não era nada disto, era algo diferente. Fiz o curso, com muito sacrifício e, ao contrário do que acontece hoje com a maioria dos alunos, não me formei e fui para a empresa, pois já estava empregado na área, desde o segundo ano. Fui contemporâneo da primeira turma do CAS, fiz parte do primeiro grupo de alunos a receber o diploma do CAS reconhecido pelo MEC. O primeiro Curso de Análise de Sistemas reconhecido pelo MEC no Brasil. Fiz muitos amigos neste período e mantenho muitas destas amizades até hoje.

Começou, então, uma outra fase da minha vida, onde o meu diploma (aqui no sentido mais amplo, significando todo o meu aprendizado na Universidade) foi, sem dúvida alguma, uma peça chave. Naquela época (no começo de minha carreira), eram poucos os profissionais da área de informática que tinham uma formação acadêmica na área. A maioria era formada por pessoas oriundas de outras áreas, que atuavam no mercado com uma formação prática. Não se dava muita atenção ao diploma (principalmente da área), como acontece hoje. Mesmo assim, para mim ele era importante, pois eu sentia que estava recebendo uma formação diferente de muitos de meus parceiros. Tinha uma base mais sólida, uma formação mais consistente e um dia tudo isto iria ser exigido de mim. Fui galgando, passo a passo, os degraus da carreira: programador júnior, pleno, etc. Trabalhei em um bom número de empresas de áreas e iniciativas diferentes. Nunca mais voltei para a PUC-Campinas.

Um dia, eu estava sentado em frente à minha mesa, no meu local de trabalho, quando alguém me avisou que uma pessoa queria conversar comigo. Era o coordenador de departamento do CAS da época (início de 1987). Eu não o conhecia e fiquei muito surpreso, quando ele me disse que o motivo de sua visita era um convite para ministrar aulas no CAS. Não sabia se tinha jeito ou, sequer, capacidade para o cargo. Disse isto à ele, mas como era um bom “vendedor”, me convenceu do

contrário. Lá fui eu para a PUC-Campinas, depois de tantos anos sem nunca mais ter voltado lá.

Começou, assim, mais uma nova fase da minha vida, que coincidiu com uma nova fase do CAS, pois estava sendo criado o Instituto de Informática (I.I.), do qual iria fazer parte o CAS, que foi a semente de sua criação.

Muito bem, ao voltar para o CAS verifiquei que tudo estava diferente, mas a sensação era de que tudo voltava à tona. Andava pelos corredores e não via história e sim, sentia sensações passadas. Me via através de meus alunos. Os meus ex-professores, que começaram suas carreiras muito novos, pois informática também era uma área muito nova, ainda estavam lá e agora, eram meus colegas.

Passaram-se quase 12 anos da minha volta para a PUC-Campinas. Aqueles que foram meus professores se transformaram em meus colegas e agora são meus amigos. Não tenho mais colegas de classe. Tenho alunos que um dia serão meus colegas de trabalho na área de informática e muitos, tenho certeza, serão meus amigos. Sinto que a história do CAS e agora do I.I. da PUC-Campinas, tem se misturado cada vez mais com a história da minha vida.

É muito gostoso estar passando, às vezes por lugares muito distantes de Campinas, e escutar: “- Oi Oscar!” e ver um ex-aluno, que começa a contar com entusiasmo seu sucesso na carreira. Em todos os lugares onde trabalhei, sempre coloquei um sentimento em primeiro lugar: o de responsabilidade. Achava que isto era tudo. Responsabilidade perante meus iguais, superiores e subordinados. Hoje vejo que isto não é tudo. Na PUC-Campinas é diferente. Sinto-me (entre meus colegas professores, funcionários e a moçada, meus alunos), diferente de como me sentia antes. Sinto que estou sempre aprendendo, em um ambiente fervilhante de idéias e ideais. Isto é extremamente estimulante e o resultado é muito compensador. Existe em mim, agora, um sentimento, que não existia quando trabalhava em outras empresas, por mais que eu me adaptasse à elas: o sentimento de carinho pelo que faço e não somente o de responsabilidade. As empresas podem fazer o trabalho que quiserem de aumento de motivação, voltado para seus funcionários. Nunca conseguirão fazer aflorar neles o sentimento de carinho. Isto só existe em muito poucas relações, entre elas a relação aluno-professor e professor-aluno.

Parabéns ao CAS por seus 25 anos!

Prof. José Oscar Fontanini de Carvalho

Ex-aluno do Curso de Análise de Sistemas e Vice-diretor do Instituto de Informática da PUC-Campinas.